

EP 20 – RODRIGO LACERDA

Um dos meus livros preferidos é “Os Maias”, do Eça de Queirós, que aqui está em uma edição da Editora Zahar. Eu fui um dos editores desse livro, eu e minha colega nessa coleção de clássicos, que é a Clarice Zahar.

Esse livro é um dos meus livros preferidos desde que eu tinha catorze, quinze anos.

-

A história é de uma geração de jovens lisboetas. O protagonista, que é o caso do Eduardo da Maia, que é da família que dá título ao livro, é um jovem médico, formado, e que vai fazer sua entrada na vida adulta, vai ter seus namoros, seus amigos, sua turma. E eles vão começando a vida e tendo essas primeiras experiências do mundo adulto, até que o Carlos Eduardo da Maia tem uma grande paixão e essa grande paixão termina de uma maneira surpreendente no fim do livro, que eu não vou contar qual é.

E é um painel da sociedade de Lisboa, no século dezenove, como acho que ninguém fez um melhor. O que eu acho fascinante nele, primeira coisa, é a linguagem propriamente do Eça, que uma linguagem sonora, ela é super sensorial, as frases soam bem, elas têm um ritmo perfeito, elas encerram com uma nota encantadora, musical mesmo eu acho, é um texto musical.

E além disso, a galeria de personagens, que eu acho absolutamente maravilhosa. E esse enredo, que é um enredo, digamos assim, quase que de um melodrama clássico, na essência, mas que é muito moderno pelo tratamento que o Eça dá a ele. A maneira como ele encadeia os acontecimentos, como ele recheia os intervalos entre os grandes acontecimentos, pega uma estrutura de um melodrama clássico e dá um sabor muito novo a ela. Então acho que juntando essas três coisas, está justificado o fato do livro ser um dos meus preferidos.

-

O Eça é um escritor maravilhoso porque ele te ensina a rir dos seus problemas, e isso virou uma filosofia de vida para mim. E rir das minhas limitações, rir das minhas inseguranças, rir dos meus problemas, rir dos problemas dos outros, rir das situações bizarras em que a vida coloca a gente. Então, nesse sentido, isso ficou para sempre em mim, esse gosto por transformar a dor em piada.

Esse senso de humor influenciou meus dois primeiros livros, com certeza, o “Mistério do Leão Rampante”, que eu publiquei aos vinte e cinco, justamente, em 1995, e o “Dinâmica das Larvas”, que eu publiquei em 96. São livros humorísticos, um pouco no tom do Eça, guardadas as devidas proporções, as diferenças. Mas acho que logo que eu me defrontei com os desafios de produzir um texto, ele era um exemplo, um modelo que tinha na minha cabeça.

O que diferencia esse livro, e muitos dos clássicos, é a capacidade de o escritor realmente entrar em contato com a emoção do leitor, e fazer o leitor sentir o que o personagem está sentindo, acompanhar o gráfico emocional do livro, com o coração

na garganta, entendeu? Eu acho que essa capacidade de fazer a conexão entre a emoção que o livro propõe e os sentimentos do leitor, quando dá esse engate, profundamente, o livro tende a resistir bem ao tempo.